

### DONA INÁCIA E SEU ANTÔNIO SONHAM COM A CONTINUIDADE DE SEU TRABALHO PELOS FILHOS E NETOS

Dona Inácia Alice Mateus e seu Antônio Mateus dos Santos se casaram há 44 anos (1974) e vieram morar em Vaca dos Frades, comunidade localizada no município do Seridó. A propriedade de 3 hectares, herança do pai dele, foi o início de uma nova trajetória para o casal.

Dona Inácia relembra que sempre plantou ervas medicinais e hortaliças (cenoura e coentro). Como não tinham água na propriedade, pegavam água em uma cacimba para manter as plantas do quintal e todos os anos, quando chovia, plantavam roçados de milho, feijão e outras culturas.

O acesso à água para beber veio em 2003, quando receberam a cisterna, através do Fundo Rotativo Solidário (FRS). Já em 2011, a família foi apoiada com a Cisterna-Calçadão do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) da Articulação do Semiárido (ASA) em parceria com a entidade de assessoria sócio-organizativa Patac. A partir da chegada dessa última tecnologia, ela diz que a produção de hortaliças aumentou e também passou a ser variada, além da cenoura e do coentro, ela passou a cultivar couve, berinjela, alface de vários tipos, tomate, rúcula, espinafre e muitas outras. Já na área de ervas medicinais, ela atualmente mantém: malva rosa, hortelã gorda, anador, hortelã miúda, pimenta, hortelã amargoso, capim santo, noni, dentre outras.

A principal experiência da agricultora é com os canteiros econômicos que tem construído de forma bem particular, formando um tabuleiro. Ela usa estacas (retiradas da própria propriedade da família por seu Antônio) para construir a base dos canteiros. As estacas são cortadas em pedaços de meio metro e enterradas na vertical a mais ou menos “um palmo”



do solo, ela explica assim a profundidade. Nestes tabuleiros (também feitos com as estacas na horizontal), uma camada de terra, sacos de nylon de 60 Kg ou plástico, a última camada é de esterco frio, depois escora todo o tabuleiro com telhas para conter a terra e o esterco. Quando rega a parte de cima, a água escorre para baixo e já favorece a outras plantas, geralmente ornamentais, que preserva embaixo desses canteiros. A forma como os canteiros estão estruturados permite passar até 3 dias sem necessidade de aguar, favorecendo a preservação de todas as plantas.

Dona Inácia conta com orgulho que, com o dinheiro que conseguiu a partir da venda de hortaliças, comprou dois “caminhões de água” (carro-pipa) para abastecer a cisterna com água de beber em períodos de estiagem.

Na casa de Dona Inácia também existe um Banco de Sementes que ela resguarda como um santuário. Ela diz que o banco tem uma importância muito grande, já que foi nele que buscou coragem para enfrentar o problema de saúde de seu Antonio. Em 2011, ele precisou operar um joelho e teve que parar o trabalho na propriedade, ela disse que foi difícil passar por esse período e foi no cuidado com as sementes que ela superou esse desafio. *“Para mim, isso aqui é um lugar sagrado, guardo uma variedade de feijão (feijão azul, pingo d’água, macassa, sempre verde, corujinha, sedinha), milho, coentro, alface, quiabo, jerimum e berinjela”.*

Além disso, ainda tem o artesanato que ela e sua filha Socorro guardam também no banco. São peças de crochê, telas pintadas a mão com temas referentes ao Semiárido e um pequeno museu que possui utensílios domésticos que foram de uso dos seus antepassados, verdadeiras relíquias feitas em barro, madeira, alumínio e ferro. O ferro de engomar, cuscuzeira, mão de pilão de café entre outras peças, tudo guardado de forma afetiva junto às sementes.



Dona Inácia se considera guardiã da semente de mandioca que já era plantada pelo seu bisavô e foi sendo passada pelas gerações da sua família. Dessa mandioca, ela produz a farinha e o beiju de caco, como não tem casa de farinha, ela colhe a mandioca, descasca, rala e prensa no pilão, depois passa numa peneira e torra. Para ela, o prazer de ter uma farinha pura e feita em casa desconsidera todo o trabalho puxado que é feito a mão *“pra mim a melhor coisa é ter uma boa farinha e poder também dar à outras pessoas um alimento feito por mim”.*

Quando falam do envolvimento da família no trabalho da comunidade, eles relatam a experiência com o Fundo Rotativo Solidário (FRS) que participam desde 2003, *“já fomos apoiados com tela e arame, o que permitiu organizar a produção de alimentos saudáveis e a criação de animais”.* Ainda na dinâmica da comunidade participam do Banco de Sementes Comunitário (BSC), que está instalado bem próximo a sua casa.

O grande sonho do casal é que os filhos/filhas, netos/netas, que também moram na propriedade, sejam sucessores desse trabalho com a agricultura familiar.

